



Sahara Occidental

Mulheres sob
ocupação



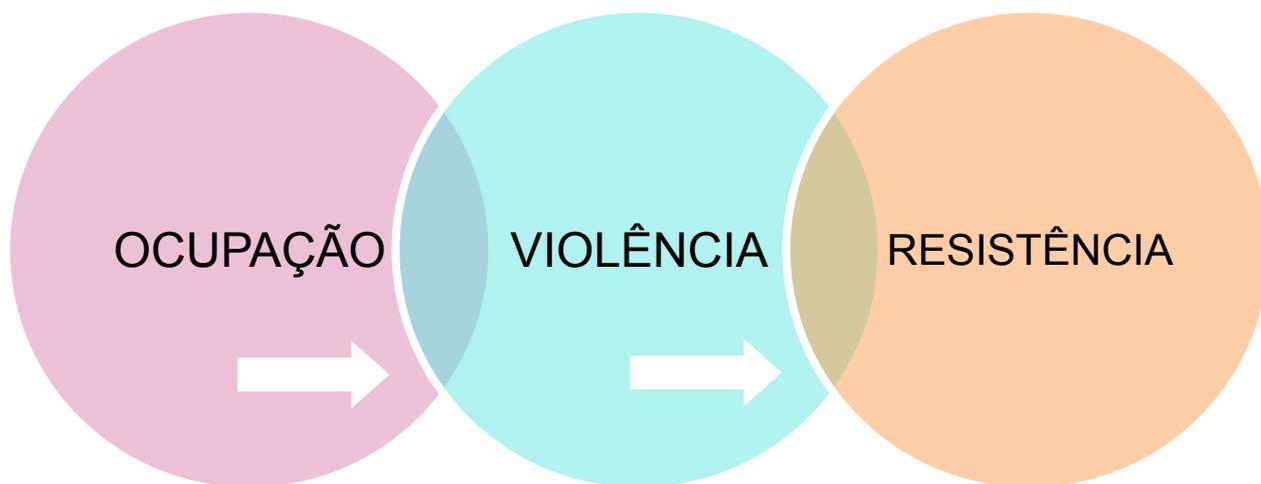
Julho 2017

Isabel Lourenço

Activista de Direitos Humanos

Membro da Fundación Sahara
Occidental

Colaboradora de
www.porunsaharalibre.org



Sahara Ocidental

Mulheres sob ocupação

Após a invasão de Marrocos do território do Sahara Ocidental em 1975, a população saharai ficou dividida. Uma parte da população (na sua maioria mulheres e crianças) fugiu dos bombardeamentos de Napalm e fósforo branco e construiu campos de refugiados no sul da Argélia, outra parte da população vive na diáspora (Espanha, França e outros países da Europa) e parte ficou no território vivendo sob ocupação. Os territórios ocupados estão isolados por um muro de 2720km altamente militarizado, sendo a área mais minada do mundo per capita. Os territórios ocupados do Sahara Ocidental estão assim completamente sob o controle de Marrocos que transformou esta região numa prisão a céu aberto. O acordo de cessar-fogo de 1991 nunca foi respeitado por Marrocos não se havendo realizado até ao

momento o referendo de autodeterminação que foi a base para este acordo. O Sahara Ocidental é a última colónia de África.

Um grande segmento da população feminina saharai vive sob ocupação no Sahara Ocidental: Embora os Territórios Ocupados não sejam facilmente acessíveis para observadores internacionais, entrevistei dezenas de mulheres saharais não só no Sahara Ocidental ocupado, mas também em Marrocos, Espanha, Portugal e outros países europeus. Elas estão sujeitas a uma grande variedade de injustiças e violações dos direitos humanos às mãos das forças de segurança marroquinas, e as suas experiências são fonte de informação sobre a dinâmica intra-conflito, bem como do movimento pela mudança, a resistência não violenta e o seu inabalável desejo de viver num Sahara Ocidental livre e independente. Apesar da discriminação generalizada, abuso e marginalização, as mulheres saharais nos Territórios Ocupados conseguiram manter a sua participação ativa nas esferas da vida pública e privada.

A vida diária apresenta uma infinidade de obstáculos e problemas para administrar as rotinas mais básicas de uma mulher saharai nos territórios ocupados, - a falta de meios económicos, a falta de cuidados de saúde, a constante invasão de casas e a destruição dos seus pertences, o assédio e a violência cometidos nas ruas contra elas pelas autoridades marroquinas, os cortes no abastecimento de água, o medo constante pelo bem-estar dos seus filhos, são apenas alguns dos aspectos que elas têm que superar numa realidade que é moldada pela ocupação ilegal violenta, o apartheid económico, social e político e a intenção de erradicar a população saharai, a sua cultura e história.

O papel das mulheres saharais em posições de poder e liderança não se limita às fronteiras dos campos de refugiados; As mulheres que vivem nos Territórios ocupados são também elas, um exemplo da força e perseverança das mulheres deste povo.

CONDIÇÕES ACTUAIS NO TERRENO: CONFLITO E APARELHO DE REPRESSÃO

Os Territórios Ocupados do Sahara Ocidental estão sob administração e jurisdição ilegais, e não existe um órgão internacional que reconheça legalmente as reivindicações de Marrocos sobre o território. Devido a essa falta de legítimo reconhecimento legal, Marrocos estabeleceu um aparelho de repressão, de segurança altamente militarizada nos Territórios Ocupados para conter manifestações e qualquer tipo de resistência. Há vigilância constante das forças de segurança marroquinas em El Aaiun, pois é a maior cidade e o local de protesto mais ativo, mas também em Smara, Dahkla e Boujador onde se verificaram nos últimos três anos um aumento de protestos públicos. Todas as estradas entre as cidades e dentro deste território têm um elevado número de postos de controle da gendarmeria e da Policia, não há liberdade de circulação.

"Fazemos o nosso melhor para ajudar os estrangeiros a entrar e poder falar connosco, ajudamo-nos uns aos outros para que os visitantes possam ir de um encontro ao outro, como no seu caso "

Elhairach Fatimetu, membro da CODAPSO, uma das ex-prisioneiras políticas de Kalat Mguna¹, uma mulher que sofreu anos de tortura intensa, fome e humilhações.

A segurança neste contexto funciona em benefício do reino e da "integridade territorial" do Estado marroquino; A segurança não significa garantir e proteger o sustento, a sobrevivência ou a dignidade da totalidade da população que vive nos Territórios Ocupados. O regime de repressão marroquino nas quatro principais cidades de El Aaiun, Smara, Dahkla e Boujador consiste em agentes da polícia, gendarmeria, soldados, forças auxiliares, policia anti-distúrbio, agentes dos serviços de inteligência e policias à paisana que conduzem veículos civis.

As forças da ocupação não se concentram apenas na população saharai e nas manifestações, mas também monitoriza e restringe os visitantes e turistas que entram nos territórios. Quase duzentos jornalistas, observadores internacionais, ativistas de direitos humanos e até turistas foram expulso nos últimos 18 meses. Todos os visitantes são seguidos, monitorizados, fotografados e filmados e, em última

¹ Kalat Mguna era uma prisão secreta marroquina por onde passaram centenas de saharauis desde a invasão de Marrocos do Sahara Ocidental, conhecida pelas torturas violentas e encarceramentos de dezenas de anos.

instância, expulsos dos territórios logo após a chegada, quando não o são imediatamente no aeroporto ou no primeiro posto de controle à entrada da cidade.

As autoridades marroquinas mantêm uma vigilância rigorosa sobre todos os estrangeiros que entram nos territórios e garantem que a sua mobilidade é restrita, de modo a que não sejam coletados dados sobre a ocupação militarizada e a realidade vivida. Em última análise, o regime de segurança impede tanto turistas como jornalistas de testemunhar manifestações saharais públicas para a autodeterminação e a sua supressão violenta por meio de força, assim como a invasão de domicílios e outros aspectos visíveis a olho nu por qualquer visitante.

A ocupação estabeleceu condições sociopolíticas nos Territórios Ocupados que se baseiam na discriminação institucionalizada e sistemática contra a população saharai. A discriminação institucionalizada e a supressão violenta são duas queixas comuns que todas as ativistas e não ativistas saharais, entrevistadas ao longo dos anos, denunciaram. A discriminação é predominante em todos os aspectos da vida, incluindo a escolaridade, o emprego, a matrícula da faculdade e as viagens, o acesso a itens básicos como alimentação, habitação e mobilidade diária.



A MULHER, A SOCIEDADE E A VIOLÊNCIA

Na sociedade saharai a mulher é merecedora de grande respeito. O divórcio é visto como algo normal, e por vezes a família da divorciada celebra uma festa para comemorar o divórcio. As relações entre divorciados são em geral de amizade e as famílias continuam a ter interacção. Os filhos em regra ficam com a mãe e a sua família, excepto em casos específicos de doenças ou outro tipo de dificuldade.

"Sabes, que quando uma de nós é atacada pelas autoridades de ocupação é a mesma coisa que atacarem 100 homens. É um crime idêntico. Agredir ou insultar uma mulher é impensável para a nossa sociedade. Um homem que maltrata uma mulher é ostracizado por todos." - Laila, Fakhouri - estudante universitária.

A violência de género está ausente na sociedade saharai e é vista como um crime. A estrutura social do ocupante marroquino é



totalmente diferente, sendo a violência contra a mulher algo visto como normal, e onde a infidelidade por parte da mulher pode levar a pena de prisão.

As autoridades marroquinas nos territórios ocupados exercem violência diária, física e verbal contra as saharauis o que é inadmissível para os saharauis.

Assim as mulheres saharauis estão expostas a uma situação inexistente antes da ocupação em 1975 e que é mais um dos sintomas da ocupação.

EDUCAÇÃO

O acesso ao ensino superior, à informação e à pesquisa foi completamente restringido para a população saharai, e a discriminação nas escolas de ensino por vezes dissuade as crianças saharauis de terminar a sua educação preparatória. As crianças saharauis que entrevistei com idades entre os 6 e 14 anos entre 2014 e 2017 foram todas vítimas de discriminação, assédio e violência na escola. Os seus professores humilham-nos em frente aos colegas, várias meninas disseram que não terminaram a escola devido ao abuso físico e verbal que sofreram na escola, bem como à segregação das outras crianças. Em frente das escolas existem veículos militares e policias e frequentemente as meninas saharauis são assediadas.

"Em El Aaiun, Seguem-me todos os dias desde a minha casa , que está sob vigilância constante até à escola, e quando regresso a casa seguem-me também"

Rabab, Filha de um dos presos políticos do grupo de Gdeim Izik

As violações são um tabu, e não são faladas, mas várias crianças mencionaram meninas que foram sequestradas pela polícia para os arredores da cidade de El Aaiun.

As mães que entrevistei vivem numa inquietude constante, sempre que os seus filhos/filhas saiam à rua podem ser vítimas de sequestro, espancamentos ou detenção arbitrária.

No que respeita ao ensino técnico e superior, existem escolas de comércio em El Aaiun, Dakhla e Smara, mas todas as faculdades e universidades estão localizadas em Marrocos. Os saharauis são obrigados a ter recursos financeiros para se deslocar para fora dos territórios e para as principais cidades marroquinas onde existem Universidades.

As mulheres saharauis são incentivadas pelas suas famílias a desenvolverem-se academicamente e muitas das mulheres nos campos de refugiados e na diáspora têm educação superior em vários campos e estão a trabalhar na sua área profissional, também nos territórios ocupados muitas jovens tentam obter uma licenciatura, mas são obrigadas a deslocar-se a Marrocos, também aí são vítimas de perseguição, racismo e assédio, por parte não só das autoridades como também dos professores.

"Não fico na residência universitária porque a polícia entra muitas vezes nos apartamentos destruindo tudo, não há segurança. Organizamos protestos sentados, manifestações e denunciemos a situação de discriminação e exigimos sempre o nosso direito à autodeterminação, mesmo nas universidades em Marrocos"- - Laila, Fakhouri - estudante universitária.

O esforço económico representa um grande obstáculo para os jovens saharauis que desejam obter uma educação superior, uma vez que muitos deles vivem na pobreza. Há também uma lista de profissões que são proibidas aos saharauis, entre elas empregos relacionados com a saúde, engenharia e ciências físicas. Mesmo quando os saharauis obtêm um grau superior fora dos territórios ocupados, não encontrarão emprego na sua terra natal devido ao apartheid social, económico e político estabelecido pelo regime marroquino, no caso das mulheres esta dificuldade é ainda maior.

PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA RESISTÊNCIA

As mulheres participam e são líderes na resistência política não violenta

Nos territórios ocupados, mais de 80% dos saharauis estão desempregados e, no caso das mulheres, o cenário é ainda pior, as

mulheres que entrevistei que estão "a trabalhar" são as ativistas que trabalham em semi-clandestinidade como jornalistas e nas diversas associações de direitos humanos, na maioria dos casos sem qualquer tipo de remuneração.

As mulheres saharais destacam-se em todas as actividades disponíveis, e a maioria das mulheres que entrevistei pensam que realizar as suas actividades no movimento de resistência e participar na sua liderança como o mais importante e interessante. Como as hipóteses de exercerem uma carreira profissional são ínfimas, elas optam por aprender a denunciar as violações a que estão sujeitas, escrever notícias, filmar os actos de opressão e violência das autoridades marroquinas, participar em páginas web e organizar e participar em conferências, workshops e outras actividades.

A maioria das mulheres entrevistadas são ativistas femininas auto-proclamadas. Elas aproveitam qualquer oportunidade para expressar o seu apoio ao movimento de resistência e explicar como a ocupação afeta as suas vidas. Um excelente exemplo da sua dedicação para divulgar a maior quantidade de informações possível sobre a ocupação e seus efeitos ocorreu durante a minha visita aos territórios ocupados em outubro de 2014, quando foi possível reunir com mais de uma dezena de organizações lideradas por mulheres ou onde as mulheres desempenham um papel importante. Reuni não só com as ex-prisioneiras políticas, bem como organizações que se preocuparam com o desenvolvimento e empoderamento das mulheres, com aspectos relacionados com a segurança dos seus filhos, organizações para apoiar as mulheres cujos familiares estão presos. Todos os aspectos dos

problemas que são uma consequência direta da ocupação são cobertos. Sem meios económicos ou logísticos, elas organizam-se e ajudam-se uma às outras, todas com um denominador comum, a luta pela autodeterminação e independência.

"A ocupação é a enfermidade, todo o resto são sintomas desta doença" - jornalista saharai

Todas as entrevistas e reuniões destacaram a dedicação das mulheres ativistas saharais em compartilhar as suas experiências de marginalização e luta, mas também esclareceram o âmbito alargado das responsabilidades que as mulheres saharais têm no movimento de resistência e, o mais importante, como definem a resistência. Segundo as ativistas saharais, a resistência é composta tanto de manifestação pública quanto de oposição política, combinada com projetos e organizações da sociedade civil, e apoio ao desenvolvimento e preparação das mulheres com workshops em várias áreas. A resistência é também transmitir e manter viva a sua identidade, a sua cultura, a sua gastronomia e costumes e transmitir esse saber aos seus filhos. O traje tradicional feminino saharai, a Melfa, é símbolo de resistência e identidade e vestem a Melfa com orgulho, mesmo na diáspora, por opção e não por imposição.



Em primeiro lugar, as mulheres saharauis são defensoras da paz, dos direitos humanos e da autodeterminação. Elas baseiam a sua acção nesses princípios e discutem as questões e dificuldades que enfrentam na sua actividade, diariamente com amigos e familiares. Muitas mulheres apresentam esses princípios e os seus pontos de vista aos visitantes, investigadores e jornalistas que conseguem entrar nos territórios ou quando estão no exterior em conferências, reuniões e visitas. Quer seja ao telefone, em público, para uma entrevista ou na privacidade das suas próprias casas durante o jantar, o projeto de defesa da paz, dos direitos humanos e da autodeterminação é constante para as mulheres saharauis.

As mulheres são particularmente ativas na sociedade civil saharai. Muitas são fundadoras, voluntárias e facilitadoras de diferentes projetos para organizações sem fins lucrativos de carácter independente como é o caso da ASVDH; da CODAPSO (Comité de Defesa para o Direito à Autodeterminação do Povo Saharai); da AFRAPEDESA e da CODESA, algumas das organizações saharauis mais conhecidas que documentam violações de direitos humanos e transmitem informações para organizações de todo o mundo. Mas há muitas mais, entre elas o Observatório para as Mulheres e Crianças, e um sem número de organizações espalhadas por várias cidades como por exemplo a Freedom Sun em Smara. As suas ações abarcam um amplo espectro, organizam protestos, apoiam as vítimas de torturas e maus tratos, ajudam as famílias dos prisioneiros políticos saharauis, apoiam as famílias necessitadas e fornecem apoio emocional. Segundo as ativistas saharauis, trabalhar na sociedade civil saharai em questões de direitos humanos e construir uma comunidade solidária para

aqueles que sofrem a perda de amigos e familiares é, em si mesmo, uma forma de resistência:

"Quando dou apoio a uma saharai em sofrimento, estou a praticar resistência. Nós não estamos sentadas em casa sem fazer nada. Estamos a curar, dar animo para sobreviver", Zainaha, membro de CODAPSO uma das activistas que passou pela casa de apoio aos activistas saharais da Fundação Sahara Occidental em Badajoz.

Devido a repressão, falta de liberdade de movimento de associação e expressão a acção de resistência à ocupação engloba dois cenários: os visíveis/públicos e a acção semi-clandestina e clandestina.

As manifestações públicas e protestos não violentos são acções públicas reprimidas pelas autoridades marroquinas, mas que se desenrolam em lugares públicos e cujo objetivo é ter visibilidade, enquanto que os encontros com organizações internacionais de direitos humanos, realização de entrevistas privadas, organização e participação de activistas em conferências se realizam de forma menos pública nos territórios ocupados para tentar ultrapassar a repressão imposta.

As mulheres da geração mais nova ultrapassam conscientemente os obstáculos colocados pelo regime marroquino, com novas formas de intervenção mas estão sempre em sintonia com a geração mais velha e ativas nas várias associações.

AS MULHERES SAHARAUIS JORNALISTAS E REPORTERS DE IMAGEM

A denúncia e elaboração de notícias nos meios de comunicação alternativos é essencialmente realizada pelas gerações mais novas, bem como todas as atividades relacionadas com a gravação e redação em blogs, sites de internet e nas diversas medias clandestinas nos territórios ocupados (RASD TV, Equipe Media, Centroso, Radio Maizarat, Bentili, Nouchata Ikhbaria, Intifada May, Boujador press e Smara news, entre outros).

Num ambiente de extrema vigilância e violência as repórteres saharauis arriscam a sua integridade física diariamente, trabalhando de forma clandestina. As jovens desenvolveram formas de conseguir fazer sair alguma informação e imagens sobre o terror que o seu povo vive sob ocupação marroquina, o saque dos recursos naturais e o apartheid social, económico e político a que estão sujeitos.



Durante o julgamento do grupo de presos políticos de Gdeim Izik que se realizou a mais de 1000km de distância do Sahara Ocidental, em Rabat várias equipas saharauis cobriram os acontecimentos. Vivendo

sem condições e sem qualquer tipo de financiamento realizam o impossível.

Numa época em que se fala recorrentemente e de forma quase rotineira de empoderamento de mulheres a nível mundial, as mulheres saharauis e a sociedade que integram são mais uma vez um exemplo.

Aicha Babeit, 24 anos, é a mais jovem do grupo que encontramos, filma, grava e escreve para Intifada May, assim como Meriem Zafri, que é membro da RASD TV em Smara, Meriem El Bourhimi, Afaf Houseini e Salha Boutanguiza de RASD TV. Todas elas têm em comum uma força e capacidade de resistir, convictas que o seu papel na luta pela independência do seu povo é através da palavra e da imagem. Diariamente são perseguidas, muitas vezes agredidas e sob constante vigilância, tendo as suas casas um ou mais carros e agentes das forças da ocupação a monitorizar quem entra e sai.

As fotos dos brutais espancamentos a que foi sujeita Salha Bountaguiza correram as redes sociais, mas não chegam para ilustrar o grau de violência a que ela e as suas companheiras estão expostas.

O trabalho realizado por estas mulheres só é possível devido ao apoio de toda a família e sociedade saharai, na qual a mulher não é vista como o “sexo frágil”.

O trabalho duro, sem condições e as situações de risco que estas jornalistas mulheres enfrentam, não para obter fama ou progredir na carreira profissional, mas com o único objectivo de romper o silêncio e alertar a comunidade internacional é indispensável e parte integrante da luta não violenta de resistência dos saharauis.

A capacidade e coragem demonstradas durante o julgamento em Rabat, fazem-nos pensar que de facto as jornalistas dos países ocidentais ou ditos desenvolvidos e livres têm uma dívida para com estas jornalistas. A dívida de divulgar o trabalho de camaradas de profissão que ultrapassam o inimaginável, sem qualquer tipo de proteção para elas ou as suas famílias, prisioneiras da maior prisão a céu aberto do mundo. São jornalistas sem carteira que honram a profissão.

Conclusão

As mulheres saharauis têm denunciado amplamente as violações dos direitos humanos perpetradas contra o povo saharai que vive nos Territórios Ocupados pelo governo marroquino há anos e continuam a desempenhar um papel fundamental na promoção dos direitos humanos e do direito legal de autodeterminação no Sahara Ocidental, elas envolvem-se em gestão de conflitos, resolução, defesa de direitos humanos e construção da paz, como me foi possível testemunhar em primeira mão ao longo dos últimos 4 anos.

As saharauis nos Territórios Ocupados do Sahara Ocidental desafiam diretamente o pensamento dominante do Ocidente sobre as mulheres muçulmanas, oprimidas e impotentes, elas são a prova de que as mulheres árabe-muçulmanas não existem como um grupo homogêneo no Médio Oriente e na África do Norte. E que os estereótipos transmitidos pela sociedade ocidental e pela media não podem ser aplicados no Sahara Ocidental.

Quando perguntado qual é o papel das mulheres saharauis na sociedade, todos os entrevistados (homens e mulheres) responderam com "o que ela quiser". Muitas mulheres saharauis frequentam faculdades e universidades fora dos territórios, conduzem manifestações, organizam conferências de imprensa e elaboram relatórios sobre as realidades da ocupação. As mulheres saharauis nos Territórios Ocupados contaram histórias de familiares femininas nos campos de refugiados que são médicas, enfermeiras, policia, soldados, professoras ou estudam no exterior na Europa, América Latina e América do Norte.

As saharauis são uma força significativa na sociedade civil saharai, são um exemplo para o mundo e a luta das mulheres.

No entanto, esses esforços passam despercebidos à maioria da comunidade internacional há décadas. A realidade no terreno é que as mulheres saharauis que vivem sob ocupação militar nos Territórios Ocupados desempenham papéis vitais na liderança do movimento de resistência e na luta pela autodeterminação, ao enfrentar a discriminação e a supressão violenta pelo regime marroquino.

O principal fator que restringe o sucesso e o potencial das mulheres saharauis nos Territórios Ocupados não são as relações de género, normas essencialistas ou tradição; mas sim a ocupação ilegal marroquina e a cumplicidade da comunidade internacional no impasse político que impede a descolonização definitiva e o exercício legítimo da autodeterminação do povo saharai.

Contexto de pesquisa

Todos os dados para este relatório foram recolhidos ao longo de 3 anos e meio, através de entrevistas, observação directa e em colaboração com várias associações de direitos humanos saharauis que têm a sua actividade nos territórios ocupados.

As entrevistas realizaram-se em El Aaiun, territórios ocupados do Sahara Ocidental, Agadir, Casablanca e Sale, Rabat em Marrocos, nos

campos de refugiados em Tindouf, Argélia e em Espanha, França, Suíça e Portugal.

O objectivo é denunciar a situação actual vivida nos territórios ocupados, enfocando a situação das mulheres e o universo de saharauis entrevistadas abrangeu todas as faixas etárias desde os 4 aos 80 anos.